

Ano 17, Vol. XVII, Núm 2, jul-dez, 2024, pág 41-50

OS COMBATENTES DA AMAZÔNIA

THE AMAZON FIGHTERS

Francine Machado Guimarães

RESUMO

O Presente artigo tem por finalidade apresentar a trajetória dos cidadãos denominados soldados da borracha como combatentes de guerra desde o Alistamento até o trágico esquecimento social, que ainda perdura até os dias atuais. O recrutamento desses indivíduos foi do ano 1942 até 1945. A importância dos soldados da borracha para o esforço de guerra ao lado dos Aliados se compara aos soldados da Força Expedicionária Brasileira que foram combater no território italiano. Não apenas o governo getulista - que quebrou várias promessas feitas aos soldados que lutaram na floresta amazônica - mas também a própria sociedade brasileira esqueceu e não deu o devido valor aos heróis da Borracha, cujo esforço manteve as máquinas de guerra aliada funcionando até a vitória total.

Palavras-chave: soldados da borracha; combatentes; Amazônia.

ABSTRACT

The purpose of this article is to present the trajectory of citizens called rubber soldiers as war fighters from Enlistment to tragic social oblivion, which still persists to this day. The recruitment of these individuals took place from 1942 to 1945. The importance of the rubber soldiers for the war effort alongside the Allies is comparable to the soldiers of the Brazilian Expeditionary Force who went to fight in Italian territory. Not only the Getulista government - which broke several promises made to the soldiers who fought in the Amazon rainforest - but also Brazilian society itself forgot and did not give due value to the Rubber heroes, whose efforts kept the Allied war machines running until total victory.

Keywords: rubber soldiers; fighters; Amazon.

INTRODUÇÃO

A GUERRA

A Primeira Guerra Mundial era a maior já lutada, até então, pela humanidade. Milhares de pessoas morreram e o mapa mundial foi modificado drasticamente. Porém, suas mudanças emolduraram um cenário propício a outro conflito. É nessa perspectiva que Eric Hobsbawn (1994) considera as Guerras Mundiais como uma Grande Guerra, colocando, dessa forma, a Segunda Guerra como uma continuação da Primeira.

A entrada dos Estados Unidos na Segunda Guerra Mundial em 7 de dezembro de 1941 marca uma nova etapa no conflito. Durante a expansão japonesa pela Ásia foram tomados importantes territórios para a produção de látex, matéria-prima para a confecção da borracha (material muito importante para armamentos bélicos), entre eles a Malásia e a Indonésia, colônias britânica e holandesa, respectivamente.

Na Segunda Guerra Mundial, a mobilização maciça de recursos tomou proporções jamais vistas: todos os recursos eram voltados para a máquina de guerra. A tentativa de aniquilação total do inimigo impulsionava a indústria, a agricultura, a tecnologia e, principalmente, a sociedade para o esforço de guerra, não havendo distinção de recursos civis e militares, o que caracterizou o conflito como uma Guerra Total, conceito que abrange conflitos de alcance ilimitado.

Em primeiro lugar, é importante compreender que as posturas iniciais dos adversários da Alemanha e do Japão não previam uma paz negociada, mas sim uma espécie de vitória absoluta, ou ainda, como afirma Philippe Masson, "[...] teriam optado pela paz cartaginesa, aquela que deixa aos vencidos, segundo o adágio romano, somente os olhos para chorar" (MASSON, 2003, p.15).

Esse objetivo impulsionou a mobilização astronômica de recursos, e fez com que não se distinguisse totalmente o que era civil ou militar. Assim, os países mantiveram um ritmo de completo envolvimento com a guerra em todos os setores passíveis de contribuição, e o uso intenso das propagandas de recrutamento e das indústrias, por exemplo, deu-se de maneira sistemática.

A ALEMANHA

Após o fortalecimento das Forças Armadas, a Alemanha tencionara formar alianças com países de tendências igualmente imperialistas. A Itália, que esperava desde o final da Guerra por territórios prometidos, alia-se à Alemanha, assim como também ao Japão, que almeja o domínio de toda a Oceania para garantir territórios prometidos em áreas de influência após o término da Primeira Guerra Mundial. O não cumprimento da promessa desencadeou o aumento do ímpeto imperialista japonês sobre a Ásia. Assim, forma-se a aliança do Eixo Alemanha, Japão, Itália.

Em um discurso, Winston Churchill declarou a seguinte frase: "nunca houve uma guerra mais fácil de impedir que essa" (IDEM, p.10).

Com a política internacional de evitar um novo conflito mundial, líderes de países europeus cederam a algumas exigências de Adolf Hitler, que sonhava em unificar todos os povos de língua alemã, e por isso fez um acordo para invadir e dominar alguns países que tinham, em sua maioria, população de origem germânica. Assim surge o termo que ficou conhecido como Espaço Vital (Lebensraum). Além de conquistar e unificar os povos germânicos, Hitler também garantia a expansão da Alemanha e proporcionaria recursos financeiros para manter sua máquina de guerra poderosa.

Enquanto Hitler aumentava os domínios da Alemanha, outra superpotência em rivalidade ideológica, a União Soviética, que em 1917 passou por uma grande revolução comunista se tornara um grande império em partes da Ásia e da Europa e também tinha pretensões imperialistas assim como Alemanha. Hitler imaginava uma guerra com o Ocidente e sabia que também iria confrontar-se com a URSS; sendo assim, em 1938 Hitler decidiu fazer o acordo de não-agressão com a União Soviética. Os dois ditadores sabiam mais cedo ou mais tarde iriam se confrontar, mas decidiram adiar o conflito direto.

Após assinar o tratado com a União Soviética Hitler volta todas as forças às forças armadas da Alemanha para Polônia. Em 1939, a Alemanha invade a Polônia, rompendo com as cláusulas do Tratado de Versalhes. A Grã-Bretanha e a França, que haviam se comprometido a garantir a independência da Polônia dão um ultimato ao governo alemão para deixar a Polônia em menos de 24 horas. Hitler não obedece ao ultimato e mantém a invasão; em menos de um dia, as tropas alemãs subjagam totalmente obsoleto exército polonês.

A Alemanha, cumprindo o acordo que fez com a união Soviética, dividiu a Polônia em duas: o norte do país ficaria com a União Soviética, enquanto que o Sul ficaria para si. O desespero da população civil era enorme, vários tentaram fugir do país sem sucesso; alguns tentaram resistir à invasão. Relatos de civis ficaram registrados em cartas, como exemplificados nesta a seguir, do dia 1º de setembro de 1939:

A semana toda esperando que algo grave aconteça. As pessoas se reúnem em grupos por toda a cidade, conversado; reservistas foram convocados; os soldados confiscam casas e automóveis. [...] A mobilização começou na quinta-feira. Minha mãe e meus irmãos já deixaram a cidade, mas eu fiquei com o meu pai. Hoje, por volta das cinco horas da manhã, foi disparada uma sirene; e vieram então os ataques aéreos. Já começou. Os insaciáveis guerreiros alemães tomam territórios com garras vazias. Eles querem tirar de nós todos os locais mais queridos: a província de Poznán, a Silésia e a Pomerânia. O país inteiro levanta-se hoje como um homem só para combatê-los. (WALLIS, 2013, p. 15).

O poderio alemão início da Guerra era gigantesco em comparação aos países aliados que foram pegos de surpresa com a força da máquina de guerra. Muitos chamavam a guerra de "a guerra da mentira", pois, não havia conflito direto entre as forças do Eixo e as forças aliadas que acreditavam numa breve guerra, com duração de poucos meses. Todavia, a Alemanha tomou praticamente toda a Europa rapidamente.

Após a declaração de guerra, Hitler volta a máquina de guerra para a França. Em 1940, as tropas alemãs invadem a França, obrigada assinar rendição incondicional no mesmo trem em que anos atrás a Alemanha havia assinado sua rendição, no término da Primeira Guerra Mundial. Foi instalada uma república (Vichy) de fachada com um governo fantoche. Após conquistar a França, a força aérea alemã começa com a operação "Leão-marinho" ou simplesmente à "Bliz", com intensos bombardeios diuturnamente impostos aos civis da Grã-Bretanha.

A Grã-Bretanha enfrenta a fúria nazista durante dois anos até que em dezembro de 1941 Estados Unidos da América são atacados pelo império japonês, que visava hegemonia do Pacífico Sul. Em 1937, quando o Japão invadiu a Indochina, os Estados Unidos impuseram bloqueio comercial ao Japão. Na Europa, Hitler, querendo manter sua aliança, assegura posições no conflito com a Grã-Bretanha, e declara guerra aos Estados Unidos. A partir desse momento, a guerra que antes era européia se torna Mundial mais uma vez.

Anteriormente, em junho de 1941, as tropas alemãs invadem a União Soviética com a missão de render o governo de Moscou e tomar todas as reservas de

minerais e de petróleo para o esforço de guerra. É planejada uma operação que seria chamada “Barbarossa”. A União Soviética resiste à invasão alemã, e com isso obriga aos alemães lutarem em duas frentes: uma ocidental e outra oriental, fragilizando as táticas de guerra na Alemanha nazista.

Portanto, a partir de 1941, com a entrada de todos os continentes no conflito, as forças de trabalho e industriais se voltam para o esforço de guerra dos países beligerantes. A Segunda Guerra Mundial toma proporções épicas, atingindo todos os continentes. Armas e equipamentos novos foram usados por todos os países envolvidos, para estudos científicos e força de trabalho de todos os setores da sociedade.

Durante os seis anos de guerra, todos os países envolvidos voltaram todas as suas forças internas para os esforços de guerra. Tanto Aliados quanto o Eixo desenvolveram armas para render incondicionalmente os seus adversários. Diferentemente da Primeira Guerra Mundial, em que a intenção dos envolvidos países era apenas vencer o inimigo, na Segunda Guerra Mundial o objetivo era destruí-lo totalmente no campo de batalha e dentro de seu próprio território.

O BRASIL AO LADO DOS ALIADOS

O Brasil, durante o período do Estado Novo (1937-1945) promoveu, através da propaganda, uma intensa migração para a Amazônia, dentro dos contextos dos Acordos de Washington e da Batalha da Borracha. A princípio, as relações econômicas entre o Brasil e os EUA se modificaram logo no início da guerra. O primeiro país não possuía compradores para os seus excedentes produzidos, enquanto os últimos, por sua vez, demandavam matérias-primas para a produção de materiais bélicos. Somava-se também o interesse americano no alinhamento do governo getulista aos Aliados, o que se firmou em 1942.

A principal preocupação econômica do governo estadunidense em suas relações com o Brasil neste período não era de assegurar que os bens manufaturados produzidos nos Estados Unidos tivessem um mercado ou de melhorar as condições de investimento. Tratava-se de eliminar a influência alemã na economia brasileira e fornecer às indústrias de guerra estadunidenses matérias-primas estratégicas essenciais e/ou raras (MOURA, 2012).

Mais tarde, com o ataque em Pearl Harbor, em dezembro de 1941, e a entrada dos EUA na guerra, houve a preocupação com o abastecimento de borracha das indústrias

bélicas. Com as colônias da Grã-Bretanha na Ásia ocupadas pelos japoneses, dificultou-se a extração do látex, o qual era primordial para produção daquilo que era usado em praticamente todos os equipamentos dos exércitos aliados, desde os itens militares mais simples, como as botas dos soldados, até os mais complexos, como tanques e caminhões. Desse modo, os Estados Unidos necessitavam de uma alternativa para o problema logístico e, então, têm-se a borracha da Amazônia brasileira como uma possível solução. Pedro Martinello explica como isso se dava:

(...) de todos os materiais críticos, a borracha é aquela que apresenta a maior ameaça à segurança de nossa nação e ao êxito da causa Aliada. A produção de aço, do cobre, do alumínio, das ligas ou da gasolina de aviação pode ser inadequado para conduzir a guerra tão rápida e eficiente como desejaríamos, mas ao menos estamos certos de suficiente abastecimento desses produtos para operar nossas forças armadas em poderosíssima escala. Se, porém falharmos na consecução rápida de um novo e volumoso suprimento de borracha, haverá colapso de nosso esforço de guerra e da nossa economia interna. Assim sendo, a situação da borracha constitui o mais crítico dos nossos problemas. Consideramos a situação presente tão perigosa, que, se não tomarmos medidas corretivas imediatas, este país entrará em colapso civil e militar. A crueza dos fatos é de advertência que não pode ser ignorada. Se não forem assegurados a tempo novos suprimentos (naturais ou artificiais), as exigências totais militares e de exportação esgotarão nossos estoques de borracha bruta antes do fim do próximo verão (...). Os pneumáticos dos veículos civis se estão gastando em proporções oito vezes maior que aquela em que estão sendo substituídos. Se esta proporção e ativer a maioria dos nossos automóveis deixara de circular e, em 1944, haverá completo abandono de 27 milhões de automóveis na América. Temos diante e nós a certeza do consumo; a grave insegurança quanto ao abastecimento. Portanto esta Comissão considera como primeiro dever a conservação de uma reserva de borracha que sustente as nossas forças armadas na luta e mantenha em movimento os mecanismos civis essenciais. O único meio de consegui-lo é o ela realização urgente do nosso gigantesco programa de borracha sintética e pela zelosa salvaguarda de cada onça de borracha existente no país(...). Quando estivermos em posição segura, libertar-nos-emos de uma fonte de nossas preocupações (MARTINELLO, apud SILVA, 2005, p. 34).

Assim, o ano de 1942 foi crucial para a política externa brasileira. Em oito meses, ela passou de uma política de declarações retóricas de solidariedade para uma firme aliança com os Estados Unidos. Em março de 1942, foram feitos os acordos de: a) criação de uma corporação destinada a promover a expansão econômica brasileira, com cooperação técnica e financeira dos Estados Unidos; b) projeto de modernização da mina de Itabira, Minas Gerais (minério de ferro) e da ferrovia Vitória-Minas; c) fundo para o desenvolvimento da produção de borracha (MOURA, 2012).

Em decorrência dos acordos feitos entre Brasil e Estados Unidos, uma intensa propaganda foi formulada para a atração de migrantes, principalmente nordestinos, ao

Vale Amazônico, proporcional à grande demanda de borracha exigida pelos acordos. Esse contingente humano de trabalhadores extratores de borracha denominou-se “soldados da borracha”, justificada pela oficialização do Estado de Guerra, e conforme determinara-se por meio do dispositivo legal a seguir:

Decreto Presidencial nº 5.225 de 14/02/1943.

O Presidente da República, usando da sua atribuição que lhe confere o artigo 180 da Constituição e considerando que a produção da borracha é essencial ao esforço de guerra e a defesa militar do país decreta:

Art 1º – os trabalhadores nacionais encaminhados ao Vale amazônico para extração e exploração da borracha, devidamente contratado nessas atividades, são considerados de incorporação adiada até a terminação do contrato de trabalho, ou em quanto se dedicarem àquela atividade.

Esses trabalhadores foram incentivados, além da intensa propaganda, pela seca nordestina de 1942, pelo financiamento dado à viagem pelo Estado e pela esperança de melhores condições sociais. Além disso, a propaganda ressaltava a possível facilidade de ganhar dinheiro e terras, além de “elevar” o status de trabalhador para “soldado”, o que atraía o trabalhador rural que enfrentava dificuldades nas áreas de cultivo nordestinas. Segundo Silva:

numa sociedade, onde cada um sabe o seu lugar, o soldado se sobrepõe ao trabalhador e neste momento era oportuna a militarização da sociedade. Getúlio Vargas pelo seu estilo carismático e excelente comunicador não hesitava em utilizar seus dons persuasivos em prol da militarização ditava padrões de comportamento para despertar valores de civilidade na construção de uma sociedade hierárquica cooperativa (SILVA, 2005, p.46).

A principal empresa envolvida com o processo de extração da borracha era a “Rubber Reserve Company”, substituída em 1943 pela “Rubber Development Corporation”. Através dessas empresas privadas, a extração da borracha, conhecida na região amazônica como “Batalha da Borracha”, aconteceu entre 1942 e 1945.

As migrações foram organizadas e coordenadas por órgãos internos ligados ao governo federal, e que ficariam responsáveis pelo recrutamento e campanha dos soldados da borracha. Eram responsáveis pela estada dos recrutas da borracha na Amazônia, quando chegavam ao destino final. Ao longo desse período de migrações, tudo esteve sob o controle da Comissão Administrativa de Encaminhamento de Trabalhadores para a Amazônia (CAETA), e pelo Serviço Especial de Mobilização de Trabalhadores para a Amazônia (SEMTA).

Nos campos de pouso, os combatentes da borracha eram mantidos em uma rotina militar que consistia em exercícios físicos, treinamento, horários rígidos para o dia a dia. Sendo assim tinham uma rotina militar como se estivessem em um quartel. Isso fica patente conforme as pesquisas de Marco Teixeira: “dentro deste ‘acampamento’ provisório, prevaleciam leis rígidas e forte disciplina, de caráter militarizado, estando os seus integrantes sujeitos a trabalhos, exercícios físicos, treinamentos e realização de diversas outras tarefas” (TEIXEIRA, 2020, p. 188).

A quantidade de combates para os campos de batalha da Amazônia deveria ser enorme. Cerca de cem mil homens foram trazidos para os campos de batalha da borracha e preparados para enfrentar os desafios de cumprir a missão para qual foram recrutados. A importância da borracha era enorme e crucial para vencer o Eixo nos fronts europeus e do Extremo Oriente.

O recrutamento começava na cidade de nascimento dos combatentes da borracha, que recebiam uniformes e materiais para a extração do látex, além de instruções sobre como deveriam se portar quando de sua chegada à Amazônia. Não poderiam sair dos acampamentos muitos sem autorização, demonstrando uma rigidez militar seguida em muitos quartéis até os dias atuais.

Nas palavras de Teixeira:

a colaboração no esforço de disciplinar, instruir, preparar e subordinar os homens, contava com os esforços adicionais das polícias e do próprio Exército. A disciplina incluía a realização de todo tipo de trabalho, enquanto o indivíduo estivesse sob o “abrigo do campo de pouso.” Nesta condição, eram embarcados, quase sempre à noite, marchando, em fila e sob guarda armada, até os navios que os levariam para a Amazônia (IDEM, p. 205).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A importância dos soldados da borracha para o esforço de guerra aliado ficou demonstrada até o fim de sua missão. Toneladas de borracha foram enviadas para os Estados Unidos, e de lá para os campos de batalha da Europa e da Ásia. Os Aliados conseguiram cumprir sua missão em derrotar total e definitivamente a Alemanha nazista e demais países do Eixo; sendo assim, os combatentes da borracha merecem reconhecimento de seus esforços nos campos de batalha da Amazônia e seu heroísmo para

cumprir a missão que foi dada a eles, dar continuidade as batalhas e ao esforço de guerra aliado.

REFERÊNCIAS:

BRASIL. **Decreto-Lei nº5.225, de 1º de fevereiro de 1943**. Disponível em:
<https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decllei/1940-1949/decreto-lei-5225-1-fevereiro-1943-415290-publicacaooriginal-1-pe.html> Acesso 8 Jun. 2023.

GUILLEM, Isabela. **A batalha da borracha: propaganda política e migração nordestina para a Amazônia durante o estado novo**. Fundação Joaquim Nabuco, 2014.

HOBSBAWM, Eric. **Era dos Extremos: o breve século XX:1914-1991**. Tradução Marcos Santarrita; revisão técnica: Maria Célia Paoli. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

MASSON, Philippe. **A Segunda Guerra Mundial**. 1ª edição. São Paulo: Editora Contexto, 2003.

MOURA, Gerson. **Relações exteriores do Brasil: 1939-1945: mudanças na natureza das relações Brasil-Estados Unidos durante e após a Segunda Guerra Mundial**. Apresentação de Letícia Pinheiro; prefácio à nova edição de Leslie Bethell. Brasília: FUNAG, 2012.

PEREIRA, Gilson. **“soldados da borracha” esquecidos ou não lembrados?** Mestrando do programa PPG em História da PUC/RS.

SILVA, Maria de Andrade. **"A borracha passada na História"** (Os Soldados da Borracha durante a Segunda Guerra). Florianópolis: Universidade Federal de Santa Catarina, 2005.

TEIXEIRA, Marco Antonio Domingues. Arigós em Porto velho: a construção da ordem e da estratificação a partir da violência institucionalizada pelo Estado. **Monções: Revista de Relações Internacionais da UFGD**. Dourados, v.9, n.18, jul./dez. 2020. Disponível em: http://ojs.ufgd.edu.br/index.php/moncoesDOI_10.30612/rmufgd.v10i18.11180, p. 186-218.



Autoria:

Francine Machado Guimarães

Dupla habilitação em história, especialização em Direito Administrativo e Gestão Pública, professora da rede estadual de Rondônia e atualmente servidora TAE da Universidade Federal do Amazonas.

Instituição: Universidade Federal de Rondônia

E-mail: machadofrancine3@gmail.com

País: Brasil